

TEATRO BRINCADO: invencionática manoesca como poética da cena

Por Menino Valber Rodrigues Franco

Disciplina: Teatro Moderno

Prof. Vítor Lemos

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Menino Manoel de Barros

Quem vos escreve aqui, inflamado pela poesia do menino Manoel, é o menino Valber, disposto a brincar de ser adulto, brincar de ser acadêmico, brincar de escritor. Portanto, se procura por seriedade e informação, aviso: aqui encontrará somente brincadeira e invenção. Se for esse o caso, aproveite o momento para interromper a leitura – é o ideal. Se não for, siga as instruções: tire sapato, meia, o que estiver calçando; tire a blusa, camisa, o que estiver

vestindo; tire a calça jeans, use algo confortável (caso não esteja em casa, o faça mesmo assim, talvez a primeira brincadeira que vivenciará seja pique-pega com a polícia); vá à gaveta mais próxima e pegue todos os cacarecos esquecidos nela, pegue também os cacarecos esquecidos pela casa: bibelôs, potes, tampas de panelas, tudo que encontrar, e deixe-os à vista. O lugar indicado para a leitura é o quintal. Caso more em apartamento, vá para o *play* do prédio. Caso não haja, procure por um terreno baldio. Caso não ache, o site www.zapimoveis.com.br pode te ajudar a encontrar um lar mais feliz.

Realizadas as primeiras instruções, estamos prontos para começar o jogo. Desvie o olhar das letras e procure nos cacarecos um disco-voador. Se não encontrar, procure por uma máquina do tempo. Se não encontrar, será preciso uma ação mais trabalhosa, mas garanto, prazerosa: crie com os cacarecos uma máquina que seja capaz de te levar onde desejar, uma máquina movida a imaginação: imaginou, aconteceu. Em qualquer uma das três opções, aperte o sintô porque vamos viajar (na maionese) e voltar um pouco na história.

CENA 1

No princípio era o verbo.

Deus: *(em off)* Que haja a luz!

Brilha a primeira luz: é o raio da nossa máquina se aproximando.

Deus: Que haja...

Valber: *(Interrompendo)* Com licença, moço.

Deus: Desculpa, eu estou ocupado, volte outra hora.

Valber: Vai dar errado!

Deus: O quê?

Valber: Esse negócio que você tá criando.

Deus: Não é possível, eu sou...

Valber: Duas palavras: Eduardo Cunha! Mas tudo bem, crie tudo. Eu só vou pedir licença para criar o teatro. Não quero dizer “o” teatro, pode deixar isso com Téspis, funcionou bem. Quero criar um teatro, justamente, para tentar ajudar a consertar a cagada que você tá começando agora. Não tô lhe culpando, claro! Ninguém é perfeito. E isso é só uma visão aristotélica do caso: estava tudo bem até que a primeira cagada aconteceu: você criou o homem; daí em diante, uma cagada leva à outra cagada, o que nos leva a Eduardo Cunha, o monte de bosta mor, a culminação da tragédia humana. Ou seja, o que você fez é peido perto do monte de bosta que nós fizemos. Mas não se preocupe, há saída dessa podridão. É por isso que estou aqui. Penso em renovar o homem moderno usando a brincadeira.

Deus: Essa frase não me é estranha.

Valber: “Eu penso renovar o homem usando borboletas.” É Manoel de Barros. Abre parênteses, mil novecentos e noventa e oito, fecha parênteses.

Deus: Porque você disse isso?

Valber: São umas regras que eu tenho que seguir, tipo os dez mandamentos. Mas deixe isso pra lá! Você me autoriza criar um teatro que salve o homem moderno das mazelas de uma sociedade capitalista, que pensa as relações do homem somente na perspectiva mercantilista?

Deus: Você não está muito otimista?

Valber: Eu tenho alma quixotesca. Só lutando contra moinhos de vento que posso convencer meus pares a entrarem na luta. Imaginação é minha arma e força. No fim, posso inventar minha vitória, aliás, nossa vitória. Assim como te inventei. *(começa a manipular um calendário antigo com a imagem de Jesus – hollywoodiano: cabelo claro, olhos azuis, pele bronzeada – enquanto responde com uma voz diferente, “divina”)* Claro que você tem minha autorização, Valber. Você pode tudo!

Com autorização inventada, vamos em frente. Para este momento é apropriado que escolha nos cacarecos algo que possa ser um monóculo, uma gravata, um bigode, alguma coisa que lhe dê a sensação de respeitabilidade. Pois agora definirei o que chamei de homem moderno. Portanto, será este um momento soleneacadêmico-filosófico, onde porei (que bela conjugação verbal), a serviço deste intento, todo meu saber gramatical, formal, ABNTal...

Jorge Larrosa Bondia em conferência no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, intitulada *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (2002), define as características do sujeito moderno, este mesmo que eu pretendo transformar com o teatro brincado. Bondia levanta quatro aspectos que caracterizam o sujeito moderno: a necessidade compulsiva de se informar, necessidade de opinar imediatamente, a falta de tempo e o trabalho excessivo. Seriam esses os principais obstáculos a serem vencidos para que o homem contemporâneo consiga se relacionar com o mundo a partir de outra lógica que não a mercantilista, onde tudo se consome - informação, opinião, tempo - a custa de muito trabalho. Para que se dê o que Bondia chama de *experiência* é preciso se precaver.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p. 24)

Bondía nos chama a atenção para o que também está pontuado na poesia do menino Manoel: “Uso a palavra para compor meus silêncios [...] Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes [...] Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis [...] Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.”. Insisto em chamá-lo de menino, pois, embora tenha vivido 98 anos, Manoel assume em entrevista que só teve infância. Diz o poeta: “Me pediram para fazer um capítulo da minha mocidade, um capítulo da minha velhice, e eu declarei que eu só tive infância. Mas na minha poesia eu só tive infância. Eu só sei escrever sobre infância, porque eu só sei ir buscar lá no cofrezinho.”¹

O cofre, ao qual o menino Manoel se refere, é uma metáfora de Bachelard² que se refere ao local onde estão guardadas nossas primeiras sensações: os primeiros cheiros, os primeiros ruídos, impressões da primeira infância. É a partir dos rastros do menino Manoel que defendo o teatro brincado como possibilidade de salvar o sujeito moderno e alcançar o cofre da infância – tanto dos atores, como do público. E a chave para abri-lo já nos foi apresentada: a invencionática – a imaginação.

Portanto, já estabelecemos quem é o nosso moinho de vento, o nosso adversário: o sujeito moderno de Bondía – nas palavras do menino Manoel, o sujeito da informática. E Quixote, seu combatente: o menino, o sujeito da invencionática. Sendo assim, há duas instâncias de combate. Na primeira, o próprio ator combate suas tendências de sujeito da informática para alcançar seu cofre da infância; na segunda, já com seu cofre aberto pela imaginação, o ator combate o sujeito da informática no público, não pela força da espada, mas através da contaminação pela invencionática – aquela capaz de transformar um cabo de vassoura em espada. Vou me ater à segunda, pois, acredito, será o suficiente para revelar os caminhos da primeira.

Para que fique claro: vamos à prática. Ela é mais poderosa e mais esclarecedora que a teoria. Tire o monóculo, gravata ou o bigode que estava usando para o momento soleneacadêmico-filosófico (se ainda está lendo e não

¹ Transcrição de entrevista para o documentário *Só dez por cento é mentira* (2008) de Pedro Cezar.

² Gaston Bachelard, filósofo e poeta francês (1884 – 1962).

seguiu as recomendações, volte ao início). “O meu quintal é maior do que o mundo”, avisa o menino. Por isso, seja um quintal, um alpendre, uma calçada, uma praça ou um palco, não importa, todo espaço pode ser um universo.

Espalhe os cacarecos pelo espaço e convide alguém para ser seu espectador. Caso esteja sozinho, escolha alguma coisa entre os objetos para ser o público. Pode ser um calendário de Jesus hollywoodano. Não deve haver separação espacial entre palco e plateia. Um só espaço envolve os atores, o público e os objetos da encenação. Ao colocá-lo dentro do espaço cênico, o que se busca é o fim de todas as fronteiras: ator, espectador, espaço e objetos precisam ser resignificados, reinventados. Todos habitam o mesmo espaço-universo, se habitam e podem/devem ser o outro: o espectador pode ser ator; como pode ser um objeto, por exemplo, fazer da sua mão uma nave; ou pode ser o próprio espaço, seu corpo usado como uma montanha.

Estes elementos são móveis, podem e devem ser manipulados entre si. A iniciativa, contudo, deve partir do brincante/ator, manipulando e resignificando os cacarecos/objetos em função da situação proposta. Não há nenhuma preocupação em esconder que tudo não passa de uma brincadeira, um jogo. E a regra principal desse jogo deve estar clara a todos: usar a invencionática para resignificar os objetos e a realidade. “As coisas não querem mais ser vistas / por pessoas razoáveis. / Elas desejam ser olhadas de azul.” sentencia o menino Manoel (2008). E é nesse sentido que o teatro brincado caminha. Os brincantes/atores precisam libertar os objetos de suas funcionalidades, a tampa precisa ir além da função de tampar, ela precisa ser disco-voador, ser volante, ser estrela... Ao fazerem isso, não só os objetos são libertos, mas também os sujeitos modernos: libertados de suas funcionalidades (informar-se, opinar, trabalhar) podem ser brincantes – e o brincante pode ser tudo.

Neste sentido, os cacarecos/objetos usados na brincadeira/encenação são assumidos tal como são: uma panela é uma panela, porque é a partir desse estágio que o jogo começa. Parte-se da materialidade do objeto – forma, cor, textura, sonoridade – para o que ela sugere, para algo que ela nos remeta, como o exemplo da *tampa disco-voador*. Portanto, no teatro brincado, os cacarecos/objetos são o aporte central da brincadeira/encenação. Como já

dito, é a partir da libertação de suas funcionalidades que os cacarecos/objetos libertam o sujeito moderno.

A dramaturgia do teatro brincado deve ser construída coletivamente nas brincadeiras/ensaios, não de maneira definitiva, mas como um acervo que pode ser reorganizado a partir do que acontece na brincadeira/encenação, semelhante ao que ocorria na *Commedia dell'Arte*.

Os cômicos possuíam uma bagagem incalculável de situações, diálogos, *gags*, lengalengas, ladainhas, todas arquivadas na memória, as quais utilizavam no momento certo, com grande sentido de *timing*, dando a impressão de estar improvisando a cada instante. (FO, 2011, pg. 17)

Como o teatro brincado busca a intervenção e integração do brincante/público na brincadeira/encenação, o improviso e a recriação da dramaturgia estará sempre presente no jogo. Essa é a máxima que nos guiará: a invencionática. É preciso que nos inventemos todos os dias, pois, como disse o menino poeta, “tudo que não invento é falso”. E eu não sou do teatro da informática, eu sou do teatro da invencionática, do teatro brincado.

Referências

BARROS, Manoel. *Retrato Do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

CEZAR, Pedro. *Só dez por cento é mentira*. (2008) Vídeo (1h 21min 16s)
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>> . Acesso em: 9 junho 2016.

FO, Dario. *Manual mínimo do ator*; Franca Rame (organização); Lucas Baldovino, Carlos David Szlak (tradução). – 5ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral, 1880 – 1980*; tradução e apresentação, Yan Michalski. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.